

BULLYING NA PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES

Bullying in the perception of teachers

Jocilaine Fernanda Ferreira¹
Keila Fernanda do Nascimento²
Willian Rodrigo do Amaral³
Cloves Amorim⁴
Plínio Marco de Toni⁵

¹ Graduanda do curso de Pedagogia da Faculdade Evangélica do Paraná. jocilaineff@hotmail.com

² Graduanda do curso de Pedagogia da Faculdade Evangélica do Paraná.

keilafernanda_kfn@hotmail.com

³ Graduando do curso de Pedagogia da Faculdade Evangélica do Paraná. willian@vaep.com.br

⁴ Mestrando em Educação PUCPR (2011). Professor Titular da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. clovesamorim@hotmail.com

⁵ Doutor em Psicologia do Desenvolvimento pela USP. Professor Titular da Faculdade Evangélica do Paraná. pliniomarco@yahoo.com.br

Resumo

Entre as manifestações mais diversas da violência na sociedade atual, está o fenômeno *bullying*, cuja frequência ocorre predominantemente nas escolas. O objetivo desta pesquisa foi verificar o conhecimento dos docentes em relação a esta prática, em uma Escola Estadual da cidade de Curitiba/PR. Participaram 31 educadores do Ensino Médio, 63% do gênero feminino e 37% do masculino. A maior parte dos educadores tem idade entre 41 e 50 anos, totalizando 37% dos participantes, e a média de idade foi de 42 anos, com desvio-padrão de 10,4. Quando questionados se já haviam tomado conhecimento do termo *bullying*, 100% dos participantes responderam afirmativamente; 75% afirmaram que conheceram o termo pelos meios de comunicação. Apenas 13% relataram que só receberam conhecimentos sobre o tema por meio de capacitação realizada dentro da escola. Também se investigaram ocorrências de violência contra os docentes, dos quais 39% já sofreram algum tipo de violência na escola. Destes, 69% relataram ter sido vítimas de agressões verbais, como xingamentos, palavrões e apelidos, 16% agressões físicas e 15% ameaças. Conclui-se que o *bullying* ocorre com frequência no ambiente escolar e sua prática desenfreada tende a gerar outras formas de violência, inclusive contra os professores.

Palavras-Chave: *Bullying*. Violência. Alunos. Professores.

Abstract

Among the several manifestations of violence in the current society, lies the phenomenon bullying whose frequency occurs predominantly in schools. The aim of this research was to check the teachers' knowledge concerning such practice in a school state in Curitiba/ PR. 31 high school educators took part, 63 % females and 37% males. Most of them are aged between 41 and 50 totaling 37 % of participants, and the average age was 42, with standard deviation of 10,4. When asked if they knew about the term bullying, 100% of participants answered positively; 75 % stated that they knew the term through means of communication. Only 13% reported that they only learned about the term when they by means of the training course held in the school. We also investigated occurrences of violence against teachers, out of whom 37 % have suffered some type of violence in the school. From these, 69% reported being victims of verbal abuse like swearing, swearwords and nicknames, 16% physical aggressions and 15% threats. We concluded that bullying often occurs in the school environment and its unbridled practice tends to cause other forms of violence, even against teachers.

Keywords: *Bullying. Violence. Students. Teachers.*

Introdução

A prática de qualquer forma de violência contra crianças e adolescentes é geralmente repudiada e criminalizada na sociedade de forma geral, sendo que, atualmente, a exposição de qualquer tipo de violência é facilmente informada e rapidamente disseminada pela mídia ou pelas redes sociais. No Brasil, frequentemente se veem cenas das brigas entre alunos que são postadas, quase que diariamente nas redes sociais, bem como o crescimento do fenômeno *cyberbullying* (NETO, 2005), em que é mais difícil a identificação dos agressores devido ao uso da internet.

Entre as manifestações mais diversas da violência nas escolas, sob suas diferentes concepções e complexidades de interpretação, está o *bullying*, com suas variações e frequência que predominantemente ocorre dentro do ambiente escolar, entre crianças e adolescentes.

Com o crescente conhecimento deste tema, ocorre também o processo de desvalorização ou banalização do tema, pois as pessoas passam a crer que qualquer forma de violência dentro da escola pode ser definida como *bullying*.

O fenômeno *bullying* difere-se de outras formas de violência devido ao estabelecimento de uma relação que pode ser entre indivíduo-indivíduo, indivíduo-grupo, grupo-indivíduo ou grupo-grupo. As características dessas relações que definem o *bullying* são: a repetição, a desigualdade e a covardia por parte dos agressores. A composição dessas relações desiguais se dá por agressões físicas, verbais, ou até mesmo de forma indireta, como a exclusão social e o isolamento. (MACIEL, 2007; LISBOA, 2009; ANTUNES e ZUIN, 2008).

Nessas relações, percebe-se que agressores estão em busca de poder, buscam expressar força e, por vezes, demonstram que têm boa percepção de si. As vítimas são tímidas, frágeis e dificilmente reagem às agressões por sentirem medo de repressões, ameaças e vergonha. As vítimas expressam baixa autoestima e podem ter prejuízos sociais, como baixo desempenho escolar em virtude das agressões que sofrem. (FANTE, PEDRA, 2008; NUNES, HERMANN, AMORIM, 2010).

O *bullying* tende a desenvolver patologias nas vítimas, como a depressão, a fobia social, dentre outros problemas, conforme relatado:

[...] além da diminuição da autoestima e dos prejuízos no desempenho escolar e nas relações sociais, o *bullying* pode trazer outras consequências mais graves, como o desenvolvimento de *psicopatologias*, como a Depressão, a Fobia Social e, até mesmo, a tentativa de suicídio para aqueles indivíduos que são vitimizados. Assim como a manifestação de Transtorno de Conduta (na adolescência) e o Transtorno da Personalidade Antissocial na vida adulta. (SEVERO, 2009, p. 78).

É imprescindível saber identificar como o *bullying* ocorre, como também o é conhecer seu local de maior incidência, as escolas. Mais relevante é saber como lidar com ele no cotidiano e como intervir para amenizar suas consequências sociais, emocionais e psicológicas nas vítimas e agressores.

Estudos realizados por Dan Olweus (1978 apud CARVALHO, 2005) demonstram que o *bullying* praticado em excesso tende a levar suas vítimas a atitudes extremas, como cometer o suicídio ou homicídio. Esses são casos extremos, que ocorreram na

década de 80, na Universidade de Bergen, Noruega, cuja gravidade de alguma forma contribuiu para que Olweus obtivesse reconhecimento em seus estudos sobre a temática do *bullying*.

Resultados posteriores mostraram nas suas pesquisas com mais de 568.000 alunos que cerca de 15% tinham algum envolvimento com o *bullying*, 9% eram agressores, 7% eram vítimas e 1,6% eram tanto agressores como vítimas. (OLIBONI, 2008).

Outras pesquisas realizadas por Fonzi (1999), na Itália; Ortega e Mora-Merchan, na Espanha (1999); Almeida (1999) e Pereira (2002), em Portugal, corroboraram os estudos de Olweus, apontando o recreio como o local de maior frequência e prática do *bullying*. Nesses estudos também se observou que havia mais agressores/autores do *bullying* do que vítimas/alvo, mostrando percentagens que obedeciam à sequência de agressores, vítimas e vítimas-agressores. (OLIBONI, 2008).

Estudos realizados por Canfield (1997), Fante (2005), Perdoncini et col. (2010), Amorim, Nunes e Moser (2011) mostraram com consistência e fidedignidade que a sala de aula é o local no qual mais se tem ocorrência do fenômeno *bullying*, em vez do recreio, como apontado nas pesquisas nos outros países. Também se observou uma inversão nos resultados que apontam o envolvimento com o *bullying* por parte dos alunos, sendo que a sequência encontrada foi de vítimas/alvos, seguidas por agressores/autores e, por último, vítimas-agressores. (FANTE, 2005).

A percepção e concepção dos professores sobre o tema pode influenciar de forma positiva ou negativa a incidência desta e de outras formas de violência dentro da escola. A partir do momento que os profissionais da educação passam a banalizar ou negar de forma indireta a presença da violência, esta tende a instalar-se de forma velada e silenciosa, sob o pré-conceito de “brincadeiras entre crianças”.

No contexto desse fenômeno, pode-se observar o seguinte:

Por outro lado, a desatenção de pais e educadores frente ao *bullying* se dá pelo desconhecimento e falta de percepção da gravidade deste fenômeno que, muitas vezes, pode ser confundido como brincadeira de idade ou, então, não ser reconhecido como algo negativo, mas como algo que faz parte do amadurecimento diante dos problemas da vida adulta. (OLIBONI, 2008, p. 25).

Se a identificação do fenômeno *bullying* por si só já é imprescindível e relevante para combatê-lo, a falta de conhecimento de suas características sutis acentua a condição das vítimas como tal, como se ocorresse uma “perpetuação” de seu estado de fragilidade frente ao(s) agressor(es).

É fato que a responsabilidade vai além dos professores, pois “este fenômeno denominado de *bullying* não pode ser desprezado de reconhecimento e atenção por parte de pais, professores e autoridades da escola”, segundo Nunes, Hermann e Amorim (2010, p.1).

A omissão de qualquer uma dessas fontes de proteção contra o *bullying* contribui para o enfraquecimento da escola e das organizações em seu papel social, tornando-os locais vulneráveis às violências morais, físicas e psicológicas, fazendo com que tirem o foco daquele que é o seu principal papel na sociedade.

Esse papel das escolas é o de gerar um ambiente de comprometimento multidisciplinar, que englobe todos os profissionais da educação, a fim de resgatar a principal função das escolas, que é o educar. O verbo educar que vem do latim *educare*, que está ligado a outro verbo, também do latim, *educere*, composto pelos prefixos *ex* (fora) e *ducere* (levar, conduzir), ou seja, educar quer dizer levar para fora, preparar indivíduos para enfrentarem o mundo. (JORGE, 2009).

Se a escola perde esta função, ela passa a ser fragilizada diante da comunidade e a percepção sobre ela se altera de forma negativa, causando insegurança, desconfiança e desesperança. Esse pensamento é muito bem colocado na seguinte afirmação:

[...] a escola tem a função de transmitir educação letrada e as categorias de pensamento que tornam possível a comunicação, criando um consenso cultural. Além disso, ela deve preparar o aluno para lidar com as situações de vida a partir do diálogo e do exercício da cidadania e de preparar esse aluno para participar do processo de produção material da existência de maneira profissional, ou seja, com criatividade e autonomia. O quadro de violência que se desenha nas instituições de ensino atualmente compromete a identidade e a reprodução da escola como ela é no tempo/espaço e fragiliza essa instituição diante dos alunos, professores e diante da comunidade. (SILVA; CASTRO, 2008, p. 50).

Porém, este processo de fragilização está intimamente entrelaçado a outras questões políticas e culturais, que são fundamentais para a falta de motivação dos professores.

Silva & Castro (2008, p. 55) também relatam que:

o sucateamento da profissão docente é um dos temas mais discutidos pelos teóricos que se ocupam da educação no Brasil. Além dos baixos salários, os problemas com a qualificação profissional constituem-se numa outra forma de desvalorização dessa carreira.

Ignorar essa realidade nos afasta ainda mais de compreender, mesmo que de forma parcial, a falta de interesse ou comprometimento que ocorre no cotidiano por parte de muitos docentes em relação ao *bullying* praticado dentro da sala de aula. Existe, além disso, um fator tão fundamental quanto este, que é a percepção limitada por parte dos profissionais da educação acerca do seu papel dentro da sala de aula.

Uma pesquisa realizada por Oliboni (2008), em uma escola estadual de Santa Catarina, trouxe alguns aspectos desta percepção, que a revelam na prática insuficiente para uma boa formação escolar. Eis algumas citações feitas por professores nesta pesquisa. (OLIBONI, 2008, p. 54-55):

Eu tenho o meu papel ali, bem definido, que é passar o conhecimento, né. E eu acho que isso a gente tem que prezar. Ou porque a gente passa o conhecimento, ou a gente controla uma turma numerosa e às vezes agitada, né.
Porque eu entro na sala de aula, eu já faço a chamada e eu já começo a trabalhar, passar a matéria, ou a ditar, ou a explicar.
Eu estudei, eu me formei pra vir aqui passar conhecimento científico. Mas nas brigas de vocês eu não posso me envolver. (referência uma declaração aos alunos).

Essa pesquisa demonstrou que, na prática, os professores ainda estão demasiadamente apegados ao plano de ensino e ao tradicional sistema de ensino-aprendizagem que foca principalmente a transmissão do conhecimento.

Outro estudo realizado por Gomes e Pereira (2009), com alunos e professores da Universidade Católica de Brasília, revelou que existe uma dissociação quanto à preparação dos docentes, daquilo que aprendem na teoria, em relação à realidade que

ocorre dentro das escolas e universidades. Ou seja, deveria haver menos teoria e mais prática na percepção da maioria dos entrevistados. Quando um assunto é pesquisado e estudado, se os seus resultados forem aliados à prática, existe uma melhora percebida por todos.

Percebe-se isso nos resultados dessa pesquisa de Gomes e Pereira (2009) sobre a percepção de alunos e professores acerca do que dá certo e o que dá errado na formação dos docentes:

[...] resumindo opiniões, o que os estudantes definiram como mais negativo em tese na formação docente foi: professores passarem receitas fixas para problemas diversificados e complexos; ênfase às “teorias”, dissociadas da prática, isto é, estudo generalista, sem destacar o que se extrai da pesquisa para a prática. Inversamente, quanto ao que dá certo dois pontos foram mais realçados: enlace constante entre teorias e práticas; vivências para compreender as teorias à luz da prática. (ROYER, 2003 apud GOMES, PEREIRA, 2009, p. 219).

Muitos outros fatores negativos contribuem para a falta de preparo e motivação dos profissionais da educação no Brasil para lidarem com a violência dentro da sala de aula. Alguns deles são os baixos salários, o excesso de carga horária que assumem para compensar a baixa renda, a falta de infraestrutura nas escolas, o velho paradigma já visto, de que a função do professor é a de passar o conteúdo proposto no plano de ensino, entre muitos outros.

Os inúmeros casos de violências de alunos que invadem salas armados, as frequentes agressões contra professores, veiculadas nos meios de comunicação, também têm gerado medo, desconfiança e causado um enorme prejuízo social na relação professor-aluno, que interfere de forma direta no processo de ensino-aprendizagem.

A pesquisa de Gomes e Pereira (2009) revelou que segundo alunos e professores, existe uma dissociação entre teoria e prática, na qual os docentes são muito bem preparados na teoria, mas a prática proporciona condições desfavoráveis para que exerçam, com prazer, a arte de ensinar.

No contexto do fenômeno *bullying*, essas condições podem agravar ainda mais suas consequências sociais, pois geram preocupações excessivas frente a tantos

desafios que os docentes têm no seu cotidiano de trabalho, tornando mais difícil o reconhecimento da prática desse fenômeno como uma violência de fato.

A violência física é a mais reconhecida em pesquisas pelos professores, uma vez que sua manifestação, dentre todas as formas de violência, é a mais visível. (RISTUM, 2001).

A violência social por sua vez também é perceptível, mas em menor grau, pois apesar de não incluir atos físicos, pode ser composta por várias ações, nem sempre visíveis aos professores, como bilhetes, ameaças, fofocas, intrigas, etc.

Já a violência psicológica é raramente percebida por professores, pois engloba questões muito particulares de cada indivíduo. O que ofende ou prejudica uma criança, pode causar menos dano, ou nenhum, à outra. O *bullying* pode conter, em sua forma sutil ou severa, todas essas formas de violência e as suas consequências também podem ser delimitadas dessa mesma forma, como físicas, sociais e psicológicas.

No entendimento de Amorim (2011), talvez essa dificuldade dos docentes ocorra pela exclusão da subjetividade nas práticas pedagógicas tradicionais, podendo ser modificada esta visão se houver a compreensão pela seguinte proposta:

[...] no fundo das teorias do currículo está, pois, uma questão de “identidade” ou de “subjetividade”. Se quisermos recorrer à etimologia da palavra “currículo”, que vem do latim *curriculum*, “pista de corrida”, podemos dizer que o curso dessa corrida que é o currículo acaba por tornar o que somos. (SILVA, 1999, p. 15).

A consequência mais grave de qualquer forma de violência é a psicológica (RISTUM, 2001, p. 361) e em uma pesquisa realizada pela mesma autora com professoras do ensino fundamental e seus conceitos sobre violência, os danos psicológicos foram relatados com as características descritas como:

[...] fizeram uso de rótulos de violência psicológica, violência emocional e violência moral... ou que descreveram os sentimentos da vítima, após a violência nos seguintes termos: sentiu-se amedrontada, imponente, com a autoestima baixa, violentada, em pânico, com a dignidade ferida. (RISTUM, 2001, p. 133).

O conceito dessas professoras em relação às consequências psicológicas de qualquer violência que atinja este nível está amplamente de acordo com o que é relatado em várias pesquisas. O *bullying* tem o poder de ferir, de atingir o sujeito em sua saúde psicológica e emocional, causando prejuízos sociais nos seus relacionamentos com os colegas da classe e no seu desempenho escolar.

Até chegar nesse ponto, o *bullying* percorre um caminho silencioso e sutil, sendo confundido com brincadeiras, ou ainda negado pelos docentes. Por muitas vezes, as vítimas ainda são instruídas a “ignorar”, “não ligar” para as “brincadeiras” ou são temporariamente trocados de lugar na sala, ou seja, não há o reconhecimento como uma violência de fato.

O presente estudo visa contribuir nesse sentido. Qual a percepção dos professores acerca do *bullying* quando presenciado na escola e quais atitudes foram tomadas por eles diante desse enorme desafio?

Método

Participantes: A amostra foi composta por 31 professores de ambos os gêneros dos turnos da manhã, tarde e da noite, que atuam no Ensino Médio, em um Colégio Estadual da cidade de Curitiba.

Instrumento: Foi adaptado um questionário utilizado por Jorge (2009). O questionário tinha nove questões abertas e fechadas, que constava de três partes. A primeira delas buscou obter dados socioprofissionais, tais como idade, gêneros, nível de escolaridade, tempo de profissão, início das atividades pedagógicas. A segunda parte buscou levantar conhecimentos dos educadores em relação ao *bullying* e a terceira parte buscou obter procedimentos utilizados para a remediação ou prevenção do *bullying*.

Procedimento: O estudo seguiu princípios éticos e foi primeiramente estabelecido contato com a direção da escola, a fim de explicar o objetivo da pesquisa e pedir a autorização para realizá-la. Obtida a autorização, agendou-se o dia da aplicação. Os dias das aplicações foram 17 e 20 de outubro de 2011. Os questionários foram aplicados coletivamente, durante o intervalo do recreio, na sala dos professores. Antes

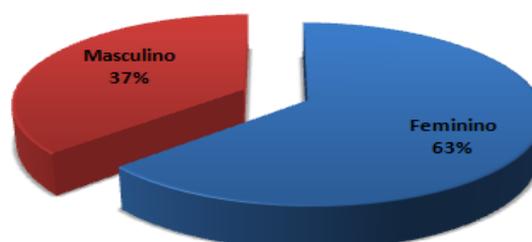
de seu início, foram fornecidas instruções claras aos entrevistados sobre a melhor forma de discorrer sobre o tema, bem como o tempo que teriam para fazê-lo. Foi entregue o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), que foi solicitado logo após o questionário. Trata-se de continuidade do projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Sociedade Evangélica Beneficente de Curitiba, sob o número 8860/10.

Análise de Dados: A análise dos dados foi realizada quali-quantitativamente. Para os itens qualitativos, foi utilizado o Discurso do Sujeito Coletivo, que “consiste na organização e tabulação de dados qualitativos de natureza verbal”. (LEFEVRE; LEFEVRE, 2005, p. 18). Para os itens dicotômicos, foram analisados com base no teste de Fisher, além disso, foram utilizados gráficos de intervalo de confiança da média e estatística descritiva.

Resultados

Este estudo consistiu em verificar a concepção que os educadores têm sobre o *bullying*. Os dados aqui apresentados são resultados da investigação junto a 31 educadores do Ensino Médio, de um Colégio Estadual do município de Curitiba, sendo que 63% dos participantes são do gênero feminino e 37% do gênero masculino. Os dados também serão demonstrados nas Figuras 1 a 4 e na Tabela 1 a seguir, resultando no conjunto de informações das questões relativas ao perfil socioprofissional dos educadores.

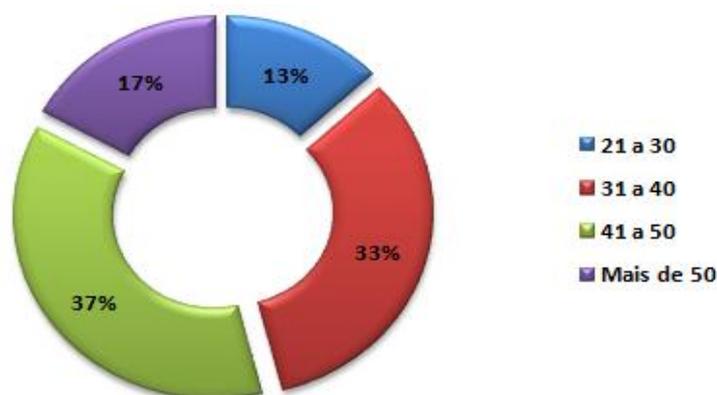
Figura 1: Gênero dos entrevistados



Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Um aspecto importante foi o alto índice de participação dos educadores na pesquisa, com um percentual de 75,6%. Pode-se perceber que a maior parte dos educadores tem idade entre 41 e 50 anos, totalizando 37% dos participantes. Sendo assim, a média das idades ficou em 42 anos, com desvio-padrão de 10,4.

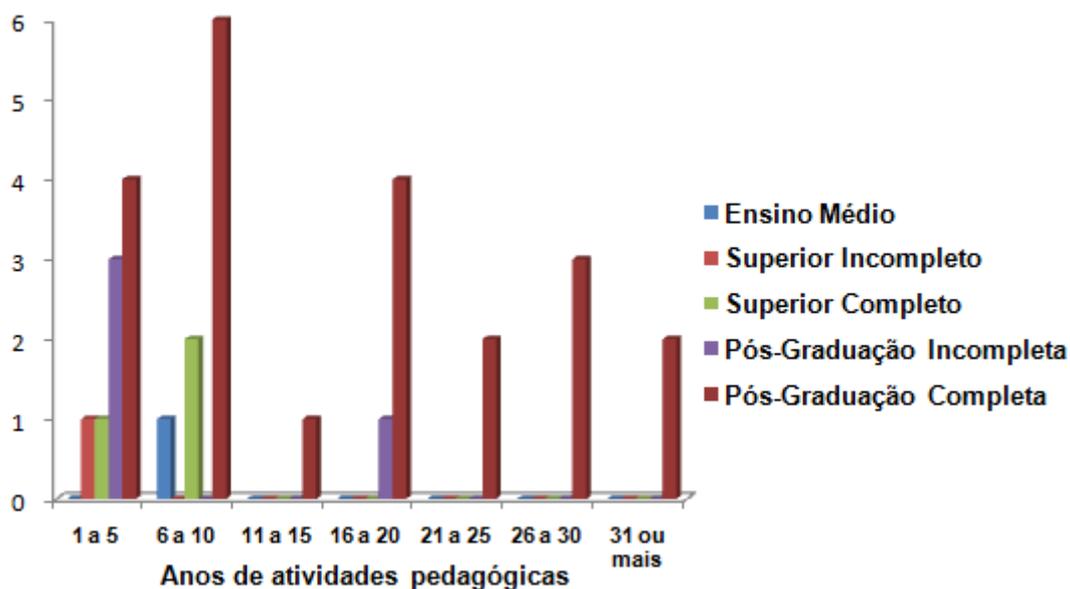
Figura 2: Idade dos entrevistados



Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Aprofundando o perfil dos educadores, sintetizam-se as informações sobre o nível de escolaridade e anos de atividades pedagógicas. Os dados apresentados na Figura 3 mostram que independente do ano de atividade pedagógica que os educadores têm o nível de escolaridade que prevaleceu foi a Pós-Graduação.

Figura 3: Nível de escolaridade dos entrevistados x anos de atividades pedagógicas.



Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Outro dado importante é que 71% dos educadores já concluíram sua Pós-Graduação e 58% têm de um a dez anos de atividades pedagógicas. Em contrapartida, temos 37% dos educadores com a idade entre quarenta e um a cinquenta anos.

A tabela 1 mostra a formação acadêmica x idade dos educadores, confirmando os dados já informados, pois em todas as idades há prevalência do grau de formação dos educadores em Pós-graduação completa a partir dos trinta e um anos.

Tabela 1. Formação acadêmica x idade (%).

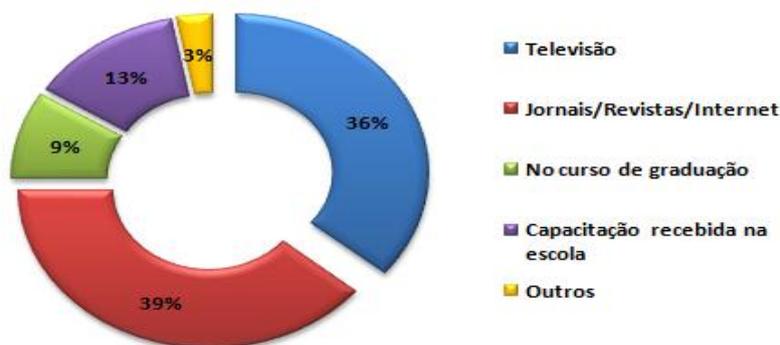
Idade (faixa etária)	Ensino Médio	Superior Incompleto	Superior Completo	Pós-Graduação Incompleta	Pós-Graduação Completa
21 a 30	0,0	0,0	2,5	7,5	0,0
31 a 40	0,0	1,0	1,0	0,0	8,0
41 a 50	0,9	0,0	0,9	0,9	7,3
Mais de 50	0,0	0,0	0,0	0,0	10,0

Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Quando indagados a respeito do conhecimento que tinham do termo *bullying*, 100% dos participantes responderam afirmativamente, que o conhecem. Quando questionados em que meios eles tinham tido conhecimento do termo, 39%

responderam ser por revistas, jornais e internet; se somados junto ao item televisão, tem-se um total de 75% afirmando que conheceram o termo pelos meios de comunicação, conforme mostra a figura 4.

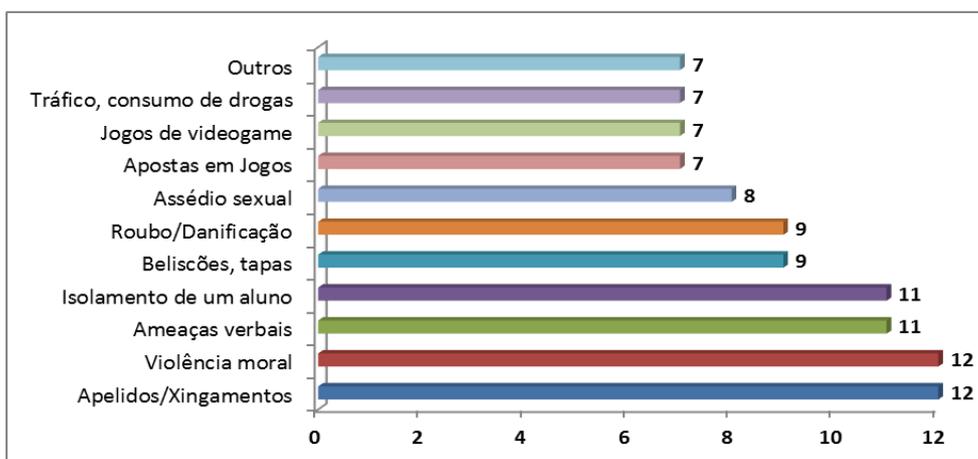
Figura 4: Meios pelos quais tomou conhecimento do *bullying*.



Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Quando solicitado que os educadores identificassem alguns comportamentos como sendo característicos do *bullying*, apelidos e xingamentos foram os mais citados, em contraposto, comportamentos que menos têm relação com o *bullying* como tráfico, consumo de drogas, jogos e apostas foram os menos votados, mostrando, assim, um possível conhecimento do assunto abordado, conforme mostra a figura 5.

Figura 5: Exemplos de *bullying* na opinião dos entrevistados.

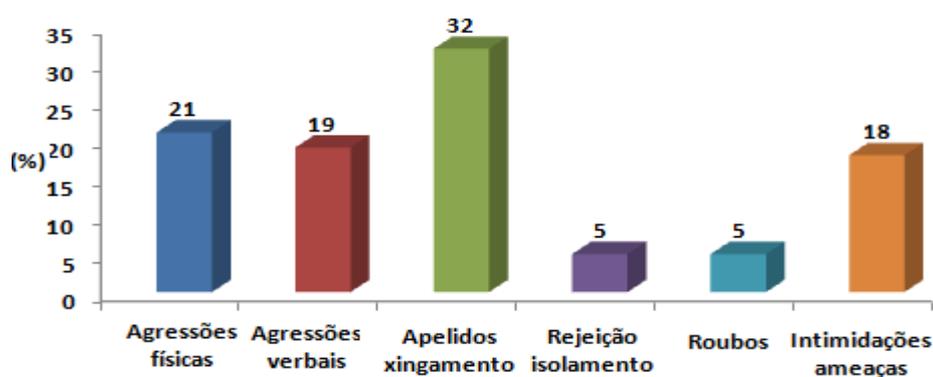


Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Em relação à intervenção, foi perguntado se há necessidade de intervenção, em caso de presenciarem atos de *bullying*, e como resultado todos responderam que há necessidade de intervenção.

Além da intervenção, constatou-se que 73% dos alunos já os procuraram para relatar episódios de violência. Nesses relatos, foi solicitado que levantassem quais eram as queixas mais relatadas pelos jovens, conforme mostra a figura 6.

Figura 6: Tipos de violência mais citadas nas queixas dos alunos.



Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

A tabela 2 mostra a relação dos procedimentos realizados quando são verificados casos de violência no colégio, em que 37% dos educadores informaram que o procedimento que o colégio tem é de chamar os responsáveis dos alunos para uma conversa, em seguida conversar com os alunos envolvidos.

Tabela 2. Procedimento padrão do colégio quando são verificados casos de violência.

	Procedimentos da escola	(%)
A	Chamar os responsáveis dos alunos para uma conversa	37
B	Conversar com os alunos envolvidos	29
C	Encaminhar os alunos envolvidos ao setor pedagógico	15
D	Não soube informar	12
E	A escola não tem um procedimento padrão	7

Percebe-se que o colégio prioriza o diálogo, tanto com os responsáveis pelos alunos, como com os próprios alunos. Esse fato é exemplificado na fala de um professor de 26 anos: “É importante chamar a família dos envolvidos para diálogos e providências futuras junto ao corpo docente”.

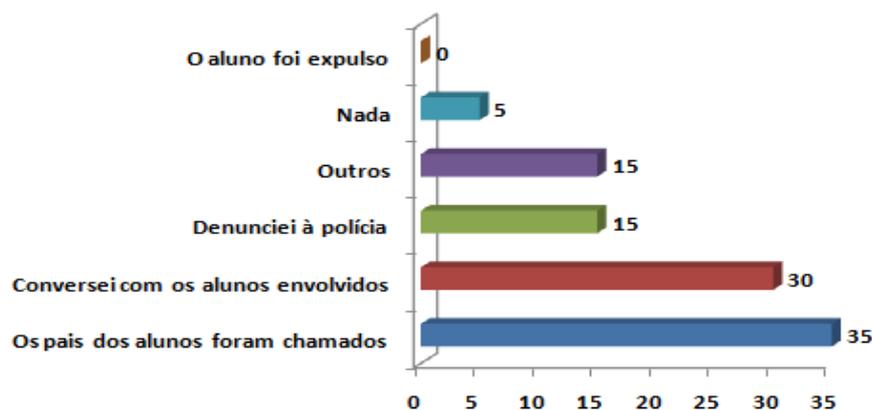
Também se procurou investigar o que fazem os educadores quando algum aluno solicita sua ajuda, depois de relatar ter sido vítima de algum tipo de violência. Cerca de 39% informaram que conversam com os alunos envolvidos na situação, 30% conversam com a turma dos alunos e 27% encaminham os responsáveis para a diretoria, dados que confirmam as informações anteriores.

Outro fator importante investigado foi sobre ocorrência de violência sobre os próprios educadores, em que 39% afirmaram já ter sofrido algum tipo de violência dentro do contexto escolar por algum aluno. Entre as formas de violência praticadas contra eles, 69% relataram ter sido vítimas de agressões verbais, como xingamentos, palavrões, apelidos, etc., seguido por 16% de agressões físicas e 15% de ameaças. Os seguintes relatos exemplificam a situação:

O aluno tinha transtorno de conduta e estava agredindo um aluno na sala de aula, pedi pra que parasse e segurei sua mão, o mesmo se virou contra mim e começou a me chutar, eu o segurei e gritava para ele se acalmar e pedia para os outros alunos que chamassem o diretor, e nós dois estávamos praticamente lutando, eu não sabia o que fazer, o aluno estava transtornado; aí o diretor chegou segurou o aluno, pediu para que eu saísse. Foi chamada a família e fomos todos para o D.A. Depois foi chamado o Conselho Tutelar, a avó, os professores e foi encaminhado o menino para tratamento. Este aluno era muito agressivo, vivia atirando pedra, pau em outros alunos, a família vivia aqui...
Entrei na última aula e o aluno já estava alterado, pois tinha levado uma bronca da direção, ele apagou o quadro de giz para chamar minha atenção e me agrediu com socos e pontapés.

Quanto à informação da violência sobre os educadores, foi também questionado que medidas foram tomadas para tais ações. A figura 7 mostra o resultado.

Figura 7: Medidas tomadas quando houve violência contra os educadores por parte dos alunos



Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Frente a essa situação, procurou-se saber quanto à capacitação dos educadores sobre o tema violência na escola em sua formação acadêmica e profissional. Quanto à formação acadêmica, 42% declararam ter recebido algum tipo de informação sobre a violência nas escolas. Já no ambiente profissional, 48% afirmaram não ter recebido nenhuma capacitação sobre violência nas escolas, em relação ao *bullying*.

Diante do problemático quadro, 87% dos educadores acreditam que a escola é um local adequado para a prevenção da violência. Frente a esse resultado, foi questionado como a escola poderia fazer para prevenir tais comportamentos e o que mais foi apontado pelos educadores foi que a escola deveria fazer atividades educativas, capacitando e conscientizando, por meio de palestras, teatros, debates, envolvendo todos os sistemas, sejam eles famílias, alunos, professores. Esse fato é exemplificado nos seguintes discursos:

Em alguns casos a escola deveria abrir para a comunidade aos fins de semana e capacitar e conscientizar os pais, grande parte das ocorrências graves são praticamente ignoradas pelas famílias. A escola deveria sempre promover reuniões, palestras, seminários com alunos, pais ou responsáveis, professores e comunidade, a respeito da violência e tudo recorrente a violência, a conscientização frente a todos do que é certo e do que é errado pode ajudar.

Dessa forma, observa-se que os docentes têm compreensão do que pode ser realizado para promover e prevenir formas de violência. A percepção deles sobre o *bullying* vai além do enfoque somente sobre os atos violentos, considerando a

complexidade do fenômeno, cuja prevenção deve incluir ações psicoeducativas baseadas na conscientização e capacitação dos profissionais da educação.

Discussão e conclusão

O *bullying* é um fenômeno com múltiplas variações, caracterizado por atos repetidos, frequentes e desiguais, que se estabelecem por meio de uma relação desigual. (CARVALHO, 2005).

Os agressores buscam demonstrar poder, força, boa autoestima, e as relações que estabelecem com suas vítimas podem conter violências dos tipos física, social e psicológica. As vítimas sofrem caladas por serem tímidas, pouco expressivas, ou terem medo da reação dos agressores, em virtude das ameaças que recebem como parte do processo de intimidação que caracteriza o *bullying*. (NUNES; HERMANN; AMORIM, 2010).

A intimidação é um dos principais fatores que caracterizam o *bullying* e por estar tão ligada ao medo, gera consequências psicológicas severas em suas vítimas, como a depressão, fobia social e o desenvolvimento de transtornos psicológico. (SEVERO, 2009).

Capenter e Ferguson (2011), ao se perguntarem como se inicia o processo de *bullying*, são enfáticos em afirmar: medo. Destacam que a primeira reação aos maus-tratos irá determinar se a vítima será atacada novamente ou não. Se ela ignora, ou enfrenta, provavelmente o agressor não irá persegui-la, mas se a reação for de medo, o agressor se sente estimulado a continuar. O seguinte relato de uma professora de 46 anos confirma a afirmação dos autores: “Nós é que percebemos e fazemos a intervenção. Os alunos que sofrem o *bullying* geralmente têm medo”.

Ao se analisar a percepção dos docentes sobre os atos do *bullying*, observou-se que as características que foram solicitadas aos educadores se assemelham à pesquisa realizada na mesma escola com os alunos, em que nomes ofensivos, intrigas e ser excluído do grupo foram as agressões mais apontadas pelos alunos e pelos professores, confirmando o resultado obtido nas figuras 5 e 6. (PERDONCINI et col., 2010).

Entre os resultados, um dos aspectos importantes foi a escassez de medidas preventivas e de formas de intervenção contra violência, sendo que 19% não souberam responder qual é o procedimento da escola frente a uma situação de violência.

Foi apontada pelos educadores a importância da interação da sociedade com a escola, além de desenvolver estratégias educativas que englobem todos os sistemas: família, alunos e professores.

Desvelar as estratégias e manejo que os professores utilizam no interior da escola foi o objetivo de um estudo realizado por Tamar (2005), no Chile. Participaram do estudo 16 professores e 18 alunos, que se submeteram a grupo focal (um estudo qualitativo). Concluiu o pesquisador que estratégias resolutivas, com caráter educativo, incidem diretamente na promoção de clima escolar positivo e construtivo. Foram enumerados distintos estilos possíveis de intervenção: dialógico, pacífico, compreensivo, assertivo, autoritário, indiferente e impulsivo, podendo ser combinados de acordo com o espaço físico no qual ocorra o *bullying*.

Recentemente, Gisi e Ens (2011) organizaram uma obra sobre as estratégias de intervenção e formação de professores para a compreensão do fenômeno *bullying* nas escolas. Os capítulos destacam, entre outros temas, a formação inicial (que parece continuar excessivamente tecnicista) e a necessidade de políticas públicas educacionais para o combate à violência nas escolas.

O seguinte relato de um professor de 26 anos confirma essa importância:

A escola, como continuidade de uma sociedade complexa, tem muitas dificuldades de lidar com todos os ocorridos em sua dependência. Falta pessoal, material e vontade das entidades políticas.

Sendo assim, é importante uma promoção de estratégias e de manejos que considerem características sociais, econômicas e culturais da população, e que tenham uma aplicação prática na conscientização, por meio de técnicas psicoeducativas aplicadas aos alunos e professores, acerca das inúmeras formas de violência que ocorrem no interior da escola.

Entre essas formas de violência, certamente o *bullying* ainda necessita de uma compreensão mais específica sobre sua prática sutil e acerca das características que o distinguem das outras violências. Os docentes demonstraram que têm conhecimento sobre esse fenômeno, mas ele ainda é pouco utilizado para gerar, em conjunto com a escola e a comunidade, práticas preventivas e intervencionistas que possibilitem amenizar e reduzir os efeitos psicológicos sobre as vítimas e agressores envolvidos com o *bullying*.

Referências

AMORIM, C. **O lugar da subjetividade nas teorizações curriculares**. Trabalho apresentado à disciplina Planejamento e Gestão do Projeto Pedagógico do Mestrado em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba (não publicado), 2011.

_____. *Bullying*: Relato de uma experiência de uma intervenção em uma escola pública estadual. In: GISI, M. L.; ENS, R. T. (Coord.). **Bullying nas escolas**: estratégias de intervenção e formação de professores. Ijuí, RS: Unijuí, p. 157-180, 2011.

ANTUNES, D. C.; ZUIN, A. A. S. Do *bullying* ao preconceito: os desafios da barbárie a educação. **Psicologia & Sociedade**, São Carlos, n. 20, v. 1, p. 33-42, 2008.

CALBO, A. S.; BUSNELLO, F. B.; RIGOLI, M. M.; SCHAEFER, L. S.; KRISTENSEN C. H. *Bullying* na escola: comportamento agressivo, vitimização e conduta pró-social entre pares. **Contextos Clínicos**, julho-dezembro 2009, n. 2, p. 73-80, 2009.

CARPENTER, D. E.; FERGUSON, C. **Cuidado! Proteja seus filhos dos bullies**. São Paulo: Butterffly Editora, 2011.

CARVALHO, P. P. **Bullying e subjetividade**: estudo preliminar sobre o fenômeno *bullying* em escola pública de Uberaba, MG. Monografia (Universidade de Uberaba) – Uberaba, MG, 2005.

FANTE, C.; PEDRA, J. A. **Bullying escolar**: perguntas e respostas. Porto Alegre: RS, Artmed, 2008.

GOMES, C. A.; PEREIRA, M. M. **A formação do professor em face das violências das/nas escolas**. **Cadernos de Pesquisa**, Brasília, v. 39, n. 136, p. 201-224, jan./abr., 2009.

JORGE, S. D. C. **O bullying sob o olhar dos educadores**: um estudo em escolas da rede privada de Natal/RN. Tese (Mestrado em Psicologia) – Departamento de Ciências Humanas, Letras e Artes. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2009.

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C. O sujeito coletivo que fala. **Interface - Comunicação, Saúde e Educação**, São Paulo, v. 10, n. 20, p. 517-24, jul/dez, 2006.

LISBOA, C. L. L. O fenômeno *bullying* ou vitimização entre pares na atualidade: Definições, formas de manifestação e possibilidades de intervenção. **Contextos Clínicos**, São Leopoldo, n. 2, v. 1, p.59-71, janeiro-junho 2009.

MACIEL, R. H. Autorrelato de situações constrangedoras no trabalho e assédio moral nos bancários: uma fotografia. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 117-128, 2007.

NETO, A. A. L. *Bullying*: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, n. 81, 5 Supl.: S164-S172, 2005.

NUNES, M. F.; HERMANN, T. B.; AMORIM, C. **Bullying em escolas particulares de Curitiba**. Anais do VIII Congresso Nacional de Educação – Educere, Curitiba: Pontifícia Universidade Católica, p. 11931-11940, out. 2008.

OLIBONI, S. P. **O bullying como violência velada**: a percepção e a ação dos professores. Tese (Mestrado em Educação Ambiental) – Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande, 2008.

PERDONCINI, C.; AMORIM, C.; ROZANSKI, E.; FERREIRA, J. F.; NASCIMENTO, K. F.; AMARAL, W. R. *Bullying*: uma análise comparativa da incidência entre alunos da quinta à oitava série. In: SEMINÁRIO DA EDUCAÇÃO, 6, Curitiba. **Anais do VI Seminário de Indisciplina na Educação Contemporânea**: Indisciplina, Rebeldia e Reinvenção da Escola. p. 46-62, dez. 2010.

RISTUM, M. **O conceito de violência de professoras do ensino fundamental**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

SEVERO, C. L. L. *Bullying* na escola: comportamento agressivo, vitimização e conduta pró-social entre pares. **Contextos clínicos**, Canoas, RS, n. 2, v. 2, p. 73-80, julho-dezembro, 2009.

SILVIA, H. H.; CASTRO, L. V. Formação docente e violência na escola. **Psic. da Educação**, São Paulo, n. 26, p. 47-66, 1º sem. 2008.

TAMAR, F. Maltrato entre escolares (*bullying*): Estratégias de manejo que implementan los profesores al interior del Establecimiento escolar. In **Psykhe**, Santiago, Chile, v. 14, n. 1, p. 211-225, maio 2005.